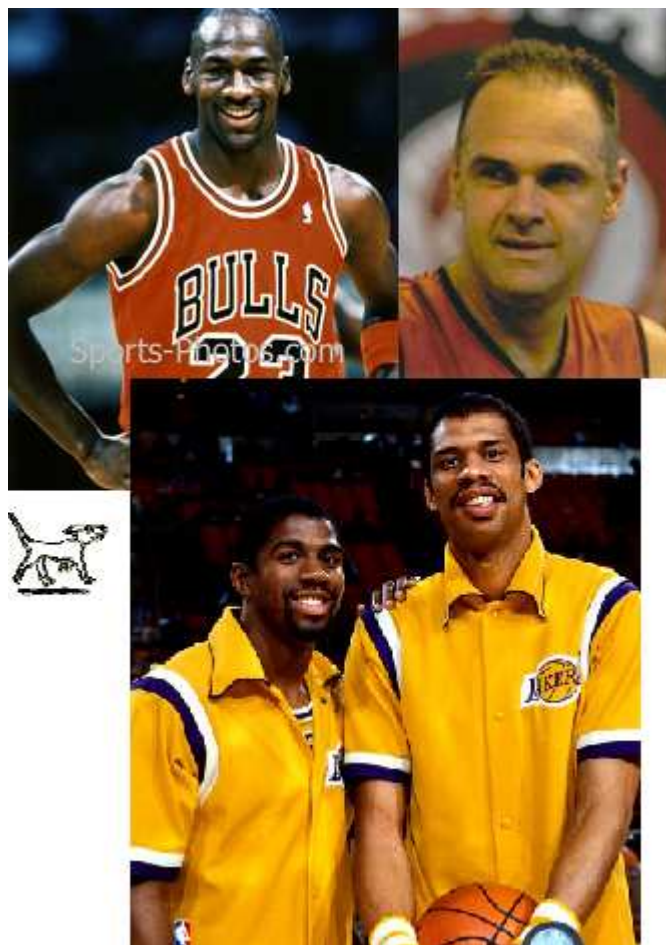


AGATHA CHRISTIE

Os Quatro Grandes

(The Big Four, 1927)



I - O Visitante Inesperado

Conheço gente que adora uma travessia de canal. Homens que, sentados tranqüilamente em suas espreguiçadeiras, apreciam a chegada e esperam que o navio atraque para juntar suas coisas sem rebuliço, e então desembarcar. Eu, pessoalmente, nunca consigo isso. Desde o momento em que entro no navio, acho que o tempo é demasiado curto para que eu me organize. Mudo minhas malas de um canto para outro e, se vou ao salão de refeições, engulo a comida com um estranho sentimento de que o navio possa chegar de repente, enquanto estou lá sentado. Talvez tudo isso não passe de uma simples herança dos tempos de guerra, quando parecia importante assegurar um bom lugar perto do portão para ser dos primeiros a desembarcar e não perder preciosos minutos dos três ou cinco dias de licença.

Nessa manhã de julho, em particular, debruçado no parapeito, apreciava os penhascos brancos de Dover que se delineavam cada vez mais perto, admirando-me dos passageiros que continuavam calmamente sentados, sem sequer levantar os olhos para os primeiros sinais de sua terra natal. Pode ser que tivessem motivos diferentes dos meus. Sem dúvida alguma, muitos deles haviam atravessado o canal apenas para o fim de semana, enquanto eu havia passado um ano e meio numa fazenda na Argentina. Lá venci, e minha mulher e eu aprendemos a gostar da maneira livre e desinibida de viver do continente sul-americano. Entretanto foi com um nó na garganta que vi aquela paisagem familiar desenhar-se cada vez mais próxima.

Eu tinha desembarcado na França dois dias antes, tratado de alguns negócios intransferíveis, e estava agora a caminho de Londres. Deveria ficar por lá alguns meses, tempo suficiente para rever velhos amigos e um grande amigo em particular: um baixinho, cabeça de ovo e olhos verdes —

Hercule Poirot. Pretendia fazer-lhe uma grande surpresa. Minha última carta da Argentina não lhe dava a menor pista da minha planejada viagem. Na verdade ela havia sido decidida às pressas, como resultado de algumas complicações de negócios, e eu me divertia muito pensando comigo mesmo em sua alegria e espanto ao me ver.

Ele não era do tipo que passasse muitas horas longe de seu quartel. O tempo em que seus casos jogavam-no de um extremo ao outro do país já havia acabado. Sua fama havia-se espalhado e ele já não permitia que um probleminha qualquer absorvesse todo o seu tempo. Com o passar dos anos, desejava cada vez mais ser considerado como um detetive consultor, tão especialista quanto um médico da rua Harley.

Sempre zombou da idéia popular do detetive que assume maravilhosos disfarces para descobrir criminosos, e que se detém a cada pegada para medi-la. — Não, meu amigo Hastings — ele diria. — Deixemos isso para Giraud e seus amigos. Os métodos de Hercule Poirot são próprios. — Ordem, método e a massa cinzenta. Sentados à vontade em nossa poltrona, vemos coisas que os outros deixam passar, e não nos precipitamos em conclusões, como o respeitável Japp.

Não, era pouco provável que Hercule Poirot estivesse muito longe. No que cheguei a Londres, depus minha bagagem num hotel e parti para seu antigo endereço. Que recordações profundas isso me trazia! Quase sem parar para cumprimentar minha velha senhoria, precipitei-me pela escada, subindo os degraus de dois em dois, e bati à porta de Poirot.

— Entre — gritou de dentro uma voz familiar.

Entrei de sopetão. Poirot ficou me olhando. Tinha nas mãos uma pequena valise que deixou cair ao me ver.

— *Mon ami Hastings!* — *Mon ami Hastings!* Correndo, envolveu-me num caloroso abraço. Nossa conversa foi incoerente e inconseqüente. Exclamações, perguntas ansiosas, respostas incompletas, recados de minha

mulher, explicações sobre minha viagem — tudo era dito ao mesmo tempo.

— Acredito que há alguém em meus antigos aposentos, não? — perguntei quando nos acalmamos um pouco. — Gostaria de poder ficar aqui com você.

A expressão de Poirot mudou repentinamente.

— *Mon Dieu!* que coisa horrível. Olhe à sua volta, meu amigo.

Pela primeira vez observei o ambiente. Junto à parede havia um baú de estilo antiqüíssimo. Perto dele estava um mundo de malas colocadas por ordem de tamanho, da maior à menor. A conclusão não permitia erro.

— Você vai viajar?

— Sim!

— Para onde?

— América do Sul.

— O quê?

— Parece uma brincadeira de mau gosto, não? E para o Rio que estou indo. Todos os dias eu digo a mim mesmo: — não escreverei nada em minhas cartas. Oh! Mas que surpresa a do velho Hastings quando me vir.

— Mas quando é que você vai? Poirot olhou o relógio.

— Dentro de uma hora.

— Pensei ouvir você dizendo que nada no mundo o levaria a fazer uma grande viagem por mar.

Poirot fechou os olhos e estremeceu.

— Não fale nisso, meu amigo. Meu médico assegurou-me que isso não mata ninguém. É só esta vez, entenda bem. Nunca, mas nunca mesmo, repetirei a façanha.

Ele arrastou-me para uma cadeira.

— Venha, vou contar-lhe como tudo aconteceu. Você sabe quem é o homem mais rico do mundo? Ainda mais rico que o Rockefeller? Abe

Ryland.

— O rei do sabão americano?

— Exatamente. Uma de suas secretárias entrou em contato comigo. Está havendo muita confusão com uma de suas grandes companhias no Rio. Ele desejava que eu investigasse o assunto. Recusei. Disse-lhe que se me apresentasse os fatos, eu os examinaria e daria minha opinião profissional. Mas ele se confessou incapaz de fazer isso. Eu só poderia entrar no conhecimento dos fatos quando chegasse lá. Normalmente, isso fecharia a questão para mim. Impor algo a Hercule Poirot é sem dúvida uma impertinência. Mas a soma oferecida foi tão estupenda, que pela primeira vez na minha vida me vi tentado pelo dinheiro. Era mais que o suficiente — uma fortuna. E havia ainda uma segunda atração — você, meu amigo. Por um ano e meio tenho sido um velho muito solitário. Pensei comigo: — por que não? Eu estava começando a me cansar de ficar aqui resolvendo esses tolos probleminhas sem fim. Já havia alcançado fama suficiente. Pensei: — pego aquele dinheiro e vou me estabelecer em algum lugar perto de meu amigo.

Fiquei bastante comovido com esta demonstração de amizade por parte de Poirot.

— Por isso aceitei — continuou Poirot — e dentro de uma hora embarco. Uma das ironias da vida, não é mesmo? Tenho que admitir para você, Hastings, que se o dinheiro oferecido não fosse tanto, talvez tivesse hesitado, pois ultimamente comecei uma investigação só para mim. Digame, o que comumente significa a frase “Os Quatro Grandes”?

— Acredito que teve origem na conferência de Versalhes; também existem os famosos “Os Quatro Grandes” do mundo do cinema, e, além disso, o termo é usado por gente da arraia miúda.

— Sei — disse Poirot pensativamente. — Eu tenho escutado esta expressão, você entende, em certas circunstâncias a que nenhuma dessas

explicações se aplicaria. Parece que se refere a uma gangue de criminosos internacionais ou alguma coisa desse tipo, só que...

— Só que, o quê? Perguntei, notando sua hesitação.

— Só que imagino que não seja coisa pequena. Não passa de uma idéia minha. Ah!, mas agora preciso acabar de fazer as malas. O tempo urge.

— Não vá — eu insisti. — Cancele sua passagem e venha comigo no mesmo barco. Poirot levantou-se e olhou-me repreensivamente.

— Ah, você não entende, eu dei minha palavra: compreenda — a palavra de Hercule Poirot. Só um problema de vida ou morte me faria voltar atrás.

— E isso provavelmente não acontecerá — murmurei tristemente. “A não ser que na décima primeira hora a porta se abra e um hóspede inesperado entre.”

Gritei o velho provérbio com um sorrisinho, e após uma pequena pausa nos sobressaltamos com um barulho vindo do outro quarto.

— O que será isso? — gritei.

— *Ma foi!* — replicou Poirot. — Parece seu “hóspede inesperado” em meu quarto.

— Mas como alguém pode estar lá? Não há nenhuma porta, exceto dentro desta sala.

— Sua memória é excelente, Hastings. Agora, as deduções.

— A janela! Mas então é um ladrão? Ele deve ter passado um mau pedaço para alcançar a janela. Eu diria que é praticamente impossível.

Já estava de pé, andando apressadamente em direção à porta, quando o barulho de alguém tateando a maçaneta do outro lado me deteve.

A porta abriu-se vagorosamente. No portal viu-se a figura de um homem. Estava coberto da cabeça aos pés com poeira e lama; seu rosto era fino e macilento. Olhou fixamente para nós por um momento, e então

desequilibrou-se e caiu. Poirot correu para ajudá-lo, e olhando para mim disse:

— Um conhaque, rápido.

Mais que depressa servi o conhaque e lhe entreguei. Poirot conseguiu que o estranho bebesse um pouco, e juntos o levantamos e o carregamos até o sofá. Passados alguns minutos, ele abriu os olhos e olhou ao seu redor com uma expressão vazia.

— O que deseja, Monsieur? — disse Poirot.

O homem mexeu os lábios e falou com uma voz estranhamente mecânica.

— Sr. Hercule Poirot, rua Farraway 14.

— Sim, sim, sou eu mesmo.

— O homem não parecia entender e simplesmente repetiu, no mesmo tom.

— Sr. Hercule Poirot, rua Farraway 14.

Poirot tentou lhe fazer várias perguntas. Algumas vezes ele não respondia nada; outras, repetia a mesma frase. Poirot fez um sinal para mim, apontando o telefone.

— Consiga que o Dr. Ridgeway venha aqui.

Felizmente o médico estava em casa, e como sua residência ficava logo dobrando a esquina, poucos minutos se passaram até que ele chegasse, afobado.

— O que está se passando?

Poirot deu-lhe uma explicação breve e o médico começou a examinar nosso estranho visitante, que parecia completamente inconsciente da nossa presença.

— Hum! — disse o Dr. Ridgeway ao terminar o exame. — Caso curioso!

— Febre cerebral? — sugeri.

O médico soltou um bafo de desprezo.

— Febre cerebral não existe. Isso é uma invenção de romancistas. Não! O que ele teve foi alguma espécie de choque, e veio aqui dominado por uma persistente idéia: encontrar o Sr. Hercule Poirot, rua Faraway 14. Repete essas palavras mecanicamente, sem ao menos saber o que elas significam.

— Afasia? — disse ansiosamente.

Esta sugestão não deixou o médico tão zangado quanto a outra que eu havia feito. Ele não respondeu, mas deu para o homem uma folha de papel e um lápis.

— Veremos o que ele vai fazer com isto — comentou.

O homem não reagiu por alguns momentos, e logo em seguida começou a escrever agitadamente. Com a mesma rapidez, deixou papel e lápis caírem ao chão. O médico os apanhou e sacudiu a cabeça.

— Nada aqui, somente o número 4 rabiscado várias vezes, cada um maior do que o outro. Acho que ele quis escrever rua Faraway 14. É um caso interessante, muito interessante. Será que poderia deixá-lo ficar aqui mais um pouco? Tenho de ir ao hospital agora, mas estarei de volta ainda esta tarde. Gostaria de saber mais a respeito desse caso. Está muito curioso para que eu o perca de vista.

Expliquei ao médico sobre a viagem de Poirot e o fato de que eu iria acompanhá-lo até Southampton.

— Não tem importância. Deixe-o ficar aqui, não trará nenhum problema. Ele está completamente exausto. Provavelmente dormirá umas oito horas pelo menos, sem acordar. Falarei com a Sr.^a Funnyface para que ela tome conta dele.

O Doutor Ridgeway saiu com sua presteza habitual. Poirot terminou de fazer as malas com os olhos no relógio.

— O tempo passa com uma rapidez inacreditável. Venha aqui,

Hastings. Você não pode dizer que eu o deixei sem nada para fazer. Um problema sensacional! Um homem desconhecido! Quem é ele? Ah! *Sapristi!* Daria dois anos da minha vida para que o navio zarpasse amanhã, em vez de hoje. Há alguma coisa aqui muito estranha — *muito estranha mesmo*. Mas é necessário tempo. Talvez passem dias — mesmo meses — até que ele possa nos dizer o porque de sua vinda.

— Darei o melhor de mim, Poirot — assegurei a ele. Tentarei ser um eficiente substituto.

— Si-im!

Sua exclamação me pareceu um tanto quanto duvidosa. Peguei a folha de papel.

— Se eu estivesse escrevendo uma estória — disse como quem não quer nada — misturaria este com sua última idiossincrasia e a chamaria de “O MISTÉRIO DOS QUATRO GRANDES”. — Enquanto eu falava, batia levemente nos rabiscos a lápis.

De repente, assustei-me ao ver o nosso inválido levantar-se da cama, sentar-se na cadeira e dizer clara e distintamente:

— Li Chang Yen.

Tinha a aparência de um homem que acabara de acordar.

Poirot fez um gesto para que eu não falasse. O homem continuou. Falou com uma voz clara e alta e, algumas vezes, em sua fala, me pareceu reproduzir algum trabalho escrito ou conferência.

— Li Chang Yen pode ser considerado o cérebro dos “Quatro Grandes”. Ele é a força controladora e geradora. Conseqüentemente, eu o designei número um. Número dois é raramente mencionado por nome; é representado por um “S” com duas linhas atravessando-o — ou seja, o símbolo do dólar — e também por duas faixas e uma estrela. Pode-se então presumir que ele é um americano e que representa o poder da riqueza. Não há dúvidas de que o número três é uma mulher e é francesa. É possível que

ela seja uma sereia do *demi-monde*, mas nada é conhecido definitivamente. O número quatro...

Sua voz hesitou e apagou-se. Poirot reclinou-se.

— Sim — disse movendo-se afobadamente. — Número quatro?

Seus olhos estavam presos ao rosto do homem. Um terror incontrolável pareceu estar tomando conta do dia; os fatos estavam distorcidos e confusos.

— “O Destruidor” — falou ofegante. Com um último movimento, caiu desmaiado.

— *Mon Dieu!* — murmurou Poirot. — Eu estava certo. Estava certo.

— Você acredita...? — Ele interrompeu-me.

— Leve-o para a cama no meu quarto. Eu não tenho um minuto a perder se quero pegar o trem. Não que eu deseje pegá-lo. Poderia perdê-lo com a consciência limpa! Mas eu dei a minha palavra. Venha, Hastings.

Deixando o nosso misterioso hóspede aos cuidados da Sr.^a Pearson, fomos embora, e como era de se esperar, pegamos o trem no último minuto. Poirot estava alternadamente silencioso e loquaz. Ficava sentado à janela, olhando fixamente para fora como quem está perdido em sonhos, aparentemente sem ouvir uma só palavra do que eu estava dizendo. De repente, animando-se, ele jorrava recomendações e ordens e me falava da constante necessidade de radiogramas.

Ficamos em silêncio logo depois que passamos por Woking. O trem, é claro, não deveria parar em nenhum lugar até chegarmos a Southampton, mas de repente alguém puxou o sinal de alarme.

— Ah! *Sacre mille tonnerres!* — gritou Poirot repentinamente. — Eu sou um imbecil. Agora vejo claramente. Indubitavelmente, foram os santos abençoados que pararam o trem. Pule Hastings, pule, estou lhe dizendo. Num instante ele já havia aberto a porta e se atirado para fora do

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

